



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIA KATARINA DANIEL

**A FEIRA AGROECOLÓGICA ECOVÁRZEA EM JOÃO PESSOA-PB:
o processo interativo entre feirantes e clientes.**

**João Pessoa – PB
2022**

MARIA KATARINA DANIEL

**A Feira Agroecológica EcoVárzea em João Pessoa-PB:
o processo interativo entre feirantes e clientes**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais em 05 de dezembro de 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Alícia Ferreira Gonçalves.

João Pessoa – PB
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D184f Daniel, Maria Katarina.

A Feira Agroecológica Ecovárzea em João Pessoa-PB :
o processo interativo entre feirantes e clientes /
Maria Katarina Daniel. - João Pessoa, 2022.
55f. : il.

Orientadora : Alicia Ferreira Gonçalves.
Monografia (graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2022.

1. Feira. 2. Agroecologia. 3. Laços sociais. 4.
Feira Agroecológica - Centro de Vivência (UFPB). 5.
Agricultura familiar. I. Gonçalves, Alicia Ferreira.
II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 339.177

Maria Katarina Daniel

A Feira Agroecológica Ecovárzea em João Pessoa-PB:
o processo interativo entre feirantes e clientes

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais., do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais

Aprovado em: 05/12/2022.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Alícia Ferreira Gonçalves
Orientadora
(UFPB/CCHLA/DCS)

Profa. Dra. Patrícia Alves Ramiro
Membro Interno
(UFPB/CCHLA/DCS)

Me. Williane Juvêncio Pontes
Membro Externo
(UFPB/CCHLA/PPGA)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo seu infinito amor e misericórdia. Por ter me sustentado até aqui. O caminho foi longo e difícil, cheio de desafios, renúncias, ansiedade e apreensão. Sem Deus nada seria possível e sem Sua permissão não teria chegado até o final.

Aos meus pais Antônia Sebastiana Daniel e João Daniel Neto por todo amor e dedicação, pelo apoio desde o início e que mesmo diante das dificuldades vocês sempre me incentivaram e estiveram ao meu lado. Vocês são meu alicerce.

Aos irmãos que acompanharam minha caminhada me dando forças para não desistir, em especial a minha irmã Ana.

Aos meus amigos de curso e Universidade que se tornaram amigos para a vida: Williane, Michele, Roseane, Vivênia, Cleonice, Bruna, Ozivalda, e aos demais que estiveram comigo durante toda trajetória de curso e estão até aqui. Vocês foram essenciais nessa trajetória. Obrigado pelas palavras de apoio, pela compreensão, por me ouvir nos dias que me via desesperada, pelo compartilhamento de experiências e a troca de conhecimento, pelas risadas, os passeios, as fofocas na Universidade. Sem o apoio de vocês não teria conseguido. Estendo meu agradecimento a todos meus amigos ao longo de minha vida, em especial a Elma, Bozano, Maria do Socorro, Joelânio, Jokácia, Isabele, Simone, Rafaela e Rosângela. Meu coração se enche de alegria por poder compartilhar com vocês esse momento. Gratidão a cada um de vocês.

Agradeço à Lúcia e suas filhas, Josefa (Zefinha) e seu esposo Nivaldo, à Luzia e seu esposo Leonardo por me acolher várias vezes em suas residências me dando apoio e carinho.

A Johnny, pessoa muito especial em minha vida com quem tenho compartilhado meus problemas, minhas aflições, alegrias, planos, viagens e momentos felizes. Muito obrigado por estar ao meu lado, por me apoiar, me ouvir, pelos conselhos, pelos momentos de alegria ao seu lado.

Agradeço a minha orientadora Alice Ferreira Gonçalves pelas contribuições ao longo do trabalho, e todos os professores do Curso de Ciências Sociais pelas experiências e ensinamentos durante toda trajetória de curso.

Aos feirantes e clientes da feira agroecológica EcoVárzea da UFPB por serem os sujeitos protagonistas da referida pesquisa, e também ao coordenador geral da feira na pessoa de Luiz Damásio, conhecido como Luizinho.

Agradeço também aos que não acreditaram em mim. Muitas vezes fazendo críticas severa, me colocando numa posição inconveniente. Suas posições só me fizeram crescer e acreditar ainda mais que era possível.

Obrigado a todos que contribuíram de forma direta e indireta para que este trabalho se concretizasse.

Gratidão

*E a palavra-chave é superação. Supera-te que
Deus vai revelar o melhor do seu coração!*

*É nobre aliar agricultura e respeito ao meio
ambiente.*

Nocian

RESUMO

A presente pesquisa intitulada *A Feira Agroecológica EcoVárzea em João Pessoa-PB: o processo interativo entre feirantes e clientes*, está situada no campo da Antropologia. O estudo foi realizado em João Pessoa, no estado da Paraíba, no Centro de Vivência da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde acontece semanalmente a Feira Agroecológica denominada *EcoVárzea* contemplando como os sujeitos de estudo desta pesquisa, os feirantes e os clientes. O principal objetivo foi identificar o perfil tanto das feirantes como dos clientes para compreender o processo de interação social. Buscou-se ainda, analisar a construção dos laços sociais entre os sujeitos da pesquisa, bem como, compreender a capacidade de sociabilidade no ambiente da feira. Para realizar este trabalho, foi utilizada a abordagem de base etnográfica de natureza qualitativa, quantitativa e descritiva. A coleta de dados foi realizada através de fontes bibliográficas, observações, pesquisa de campo e entrevista semiestruturada com aplicação de questionários, contendo perguntas objetivas e subjetivas, com objetivo de traçar o perfil dos sujeitos. A amostra considerou-se nove feirantes e dez clientes. Todas as entrevistas aconteceram no local da feira em dias alternados. O critério de seleção para elaboração dos questionários foi levado em consideração a partir da categoria sexo dos sujeitos. A problemática da pesquisa surgiu a partir de observações no campo e referencial teórico sobre agricultura familiar e feira. Assim, foi levantada a hipótese a respeito de qual(ais) a(s) interação(ões) entre feirantes e clientes na Feira Ecovárzea- João Pessoa-PB. Compreendemos que existe de fato um processo profundo de interação na feira, para além dos valores econômicos, indo em direção à interação harmoniosa estabelecida por laços de confiança entre feirantes e clientes.

Palavras-chave: feira; Agroecologia; laços sociais.

ABSTRACT

This research entitled *EcoVárzea Agroecological farmers ' market in João Pessoa-Paraíba, Brazil: the interactive process between traders and customers*, is an anthropological work. The study was carried out in João Pessoa, in the state of Paraíba, at the Centro de Vivencia of the Federal University of Paraíba (UFPB), where the Agroecological farmers ' market named *EcoVárzea* takes place weekly. The study subjects of this research are the farmers and the customers. The main objective is to identify the profile of them in order to understand the social interaction process. We analyzed the construction of social ties between the research subjects and understood the capacity for sociability in the fair environment. To carry out this work, an ethnographic approach of a qualitative, quantitative and descriptive nature was used. Data collection was carried out through bibliographic sources, observations, field research and semi-structured interviews with the application of questionnaires, containing objective and subjective questions, with the objective of tracing the profile of the subjects. The sample was made by nine marketers and ten customers and, the collaborator/coordinator of the fair. All interviews took place at the farmers' market site on alternate days. The selection criterion for preparing the questionnaires was taken into account based on the gender category of the subjects. The research problem arose from observations in the field and theoretical framework on family farming and fair. Thus, a hypothesis was raised regarding the interaction(s) between merchants and customers at Feira Ecovárzea- João Pessoa-PB. We understand that there is, in fact, a deep process of interaction at the market, going beyond economic values and moving towards the harmonious interaction established by bonds of trust between farmers and customers.

Keywords: farmers' market; Agroecology; social ties.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 -	Mural Feira Agroecológica EcoVárzea.....	28
Fotografia 2 -	Vista da Feira Agroecológica EcoVárzea.....	29
Fotografia 3 -	Vista da Feira Agroecológica EcoVárzea.....	30
Fotografia 4 -	Vista da Feira Agroecológica EcoVárzea.....	30

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Idades dos entrevistados.....	33
Gráfico 2 -	Sexos dos entrevistados.....	34
Gráfico 3 -	Escolaridades dos entrevistados.....	34
Gráfico 4 -	Profissões dos entrevistados.....	35
Gráfico 5 -	Estado Civil dos entrevistados.....	35
Gráfico 6 -	Políticas Públicas das quais participam os entrevistados.....	35
Gráfico 7 -	Renda dos entrevistados.....	36
Gráfico 8 -	Naturalidade dos entrevistados.....	36
Gráfico 9 -	Residência dos entrevistados.....	37

SIGLAS

CPT	Comissão Pastoral da Terra
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNATER	Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
PNCF	Programa Nacional de Crédito Fundiário
PPGA	Programa de Pós-graduação em Antropologia
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. AGROECOLOGIA, PRODUÇÃO ORGÂNICA, AGRICULTURA FAMILIAR	
FEIRA AGROECOLÓGICA.....	17
1.1 Agroecologia: surgimento e conceito	17
1.2 Produção Orgânica	20
1.3 Agricultura Familiar	21
1.4 A Feira Agroecológica.....	22
1.5 Reforma agrária e as políticas vigentes	24
1.6 Um breve histórico sobre os assentamentos Padre Gino, Rainha dos Anjos, Dona Helena e Boa Vista	25
1.6.1 Assentamento Padre Gino, Sapé-PB.....	25
1.6.2 Assentamento Rainha dos Anjos, Sapé-PB.....	26
1.6.3 Dona Helena, Cruz do Espírito Santo- PB.....	26
1.6.4 Assentamento Boa Vista, Sapé-PB.....	27
2 A FEIRA AGROECOLÓGICA: MAPEAMENTO DOS PERFIS DE FEIRANTES	
E CLIENTES	28
2.1 Descrição do campo.....	29
2.2 Dados Gerais	32
2.2.1 Entrevistas e entrevistados	32
2.2.1.1 Perguntas aos feirantes.....	32
2.2.1.2 Perguntas aos clientes	32
2.2.2 Mapeamento	33
2.4 Discussão	37
2.5 Perspectiva teóricas: Noção de Grupos Sociais e Noção Práticas Sociais.....	39
2.6 Análises.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada *A Feira Agroecológica EcoVárzea em João Pessoa-PB: o processo interativo entre feirantes e clientes*, está situada no campo da Antropologia. Trata-se de um trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais.

O interesse pela temática da Agroecologia surgiu com a disciplina de Sociologia Rural, ministrada pela professora Patrícia Ramiro, no curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, e o interesse foi aumentando com as demais disciplinas da área de antropologia, principalmente após a oportunidade de conhecer o campo com as atividades práticas.

O estudo foi realizado em João Pessoa, no estado da Paraíba, no Centro de Vivência da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde acontece semanalmente a Feira Agroecológica denominada *EcoVárzea* contemplando como os sujeitos de estudo desta pesquisa, os feirantes e os clientes.

O principal objetivo foi identificar o perfil tanto das feirantes como dos clientes para compreender o processo de interação social. Buscou-se ainda, analisar a construção dos laços sociais entre os sujeitos da pesquisa, bem como, compreender a capacidade de sociabilidade no ambiente da feira.

Para realizar este trabalho, foi utilizada a abordagem de base etnográfica de natureza qualitativa, quantitativa e descritiva. A coleta de dados foi feita através de fontes bibliográficas, observações, pesquisa de campo e entrevista semiestruturada com aplicação de questionários, contendo perguntas objetivas e subjetivas, com objetivo de traçar o perfil dos sujeitos. A amostra considerou-se nove feirantes e dez clientes. Todas as entrevistas aconteceram no local da feira em dias alternados. O critério de seleção para elaboração dos questionários foi levado em consideração a partir da categoria sexo dos sujeitos. A categoria foi dividida da seguinte forma: 50% do sexo feminino e 50% masculino. Já com os feirantes foram 44% feminino e 56% masculino.

A problemática da pesquisa surgiu a partir de observações no campo e referencial teórico sobre agricultura familiar e feira. Assim, a hipótese levantada se referiu a qual(ais) a(s) interação(ões) entre feirantes e clientes na Feira *EcoVárzea*- João Pessoa-PB.

É notório que a atividade humana e a modernização na agricultura durante muitos anos trouxeram influências significativas ao meio ambiente e aos pequenos produtores. De acordo com Balsan (2006), foi com a expansão da agricultura “moderna” por meio da

constituição do complexo agroindustrial, que os meios de produção começaram a se modernizar, modificando assim as formas de produção agrícolas, e acarretando efeitos impactantes ao meio ambiente. Porém, foi a partir do século XX, mais especificamente durante a Revolução Verde que problemas ambientais e socioeconômicos ganharam mais atenção.

Nota-se que as transformações tecnológicas e os impactos ambientais promovidos pela modernização agrícola já eram frequentes. O uso cada vez maior de agrotóxicos trouxe consequências negativas ao meio ambiente, e com isso houve a necessidade de pensar em uma proposta de desenvolvimento sustentável para minimizar tais impactos. Assim, tem se discutido mecanismos para reduzir os impactos, conscientizar, e ainda construir propostas e dar visibilidade a um mundo mais sustentável. Conforme afirma Márcio Araújo:

construção sustentável é um sistema construtivo que promove alterações conscientes no entorno, de forma a atender as necessidades de edificação, habitação, e uso do homem moderno, preservando o meio ambiente e os recursos naturais, garantindo qualidade de vida para as gerações atuais e futuras. (2018, n.p).

A ideia de desenvolvimento sustentável é um processo que perpassa por distintas e graduais transformações, englobando mais de um paradigma. Conforme aponta Torressi et al (2010, p.1), o termo “desenvolvimento sustentável” refere-se ao conjunto de paradigmas para o uso de recursos que atenda às necessidades humanas.

O termo foi cunhado em 1987 com o Relatório de Brundtland da Organização das Nações Unidas que estabeleceu que o desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que “satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades”. Ele deve considerar a sustentabilidade ambiental, econômica e sociopolítica. Dentro da questão ambiental (água, ar, solo, florestas e oceanos), ou seja, tudo que nos cerca precisa de cuidados especiais para que continue existindo. Portanto, as sustentabilidades econômicas e sociopolítica só tem existência se for mantida a sustentabilidade ambiental. (TORRESI et al, 2010, p.1).

É possível observar que o desenvolvimento sustentável não é visto a partir apenas de uma ação, mas sim de ações, ações essas que devem ser consideradas por todos os cidadãos. A conservação do meio ambiente, neste sentido, é cuidada de todos para com tudo, e deve ser parte do desenvolvimento do país em uma percepção econômica e sociopolítica, segundo Torresi (2010).

Contudo, ainda de acordo com Torresi (2010), defender o meio ambiente era visto como algo inusitado até pouco mais de 30 anos. Foi através de grupos organizados por militantes do meio ambiente que se formou uma consciência das pessoas e governantes sobre questões ambientais e sustentáveis, que assim entraram para debates até os dias de hoje. Ademais, as graves alterações climáticas permitiram de fato a real consciência sobre problemas ambientais.

Em 2020 a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu 17 Objetivos Sustentáveis, com a perspectiva de atingi-los até 2030. No Brasil, na base da Agenda 2030, o Objetivo 2 (ODS), na meta 2.3 estima “aumentar a produtividade agrícola e a renda dos pequenos produtores de alimentos, particularmente de mulheres, agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais”. (IPEA, 2021, n.p).

Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) (2021), são 4 os principais programas de incentivo a agricultura familiar no Brasil: o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF); o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA); o Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF); o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER).

A feira é um lugar privilegiado e um espaço de trocas, principalmente a feira de produtos alimentícios, como é o caso da Feira Agroecológica *EcoVárzea*, a qual se tornou objeto de estudo.

As primeiras referências sobre as feiras estão relacionadas às festividades religiosas. A palavra latina *feria* deu origem à palavra portuguesa *feira*, que significa *dia santo*, feriado. É neste contexto, no ambiente da feira que a pesquisa se realizou.

A pesquisa está dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se os seguintes conceitos: agroecologia, produção orgânica, agricultura familiar, feira agroecológica, bem como um breve histórico dos assentamentos que os produtores/feirantes residem.

Já o segundo capítulo, apresenta-se o universo da pesquisa, a saber: Um breve histórico da feira agroecológica *EcoVárzea*, o mapeamento dos perfis dos feirantes e clientes, a descrição do campo, os dados coletados, a discussão e a análise.

Finalmente, nas considerações finais, demonstra-se sob o olhar antropológico, que a premissa teórica básica, ou seja, a interpretação social entre os sujeitos da pesquisa foi contatada, pois as funções sociais, culturais, econômicas, políticas e de lazer produzidas a partir da feira, são, de fato, de múltiplas subjetividades. Afinal, as práticas sociais

corroboram para a valorização dos bens culturais e naturais do mundo rural ao urbano, pois, além de alimentar as socializações, legitimam a identidade e pertencimento, principalmente a dos feirantes.

1. AGROECOLOGIA, PRODUÇÃO ORGÂNICA, AGRICULTURA FAMILIAR FEIRA AGROECOLÓGICA.

1.1 Agroecologia: surgimento e conceito

A agroecologia configura-se como um modelo de agricultura que respeita o meio ambiente e os ecossistemas. Conforme aponta Rodrigues e Silva:

[...] Desse modo, a Agroecologia configura-se como um campo do conhecimento que busca a utilização de práticas agrícolas que respeitam os ecossistemas, através de um manejo equilibrado e biodiverso das plantas, dedicando-se ao estudo das relações produtivas harmônicas entre o homem e a natureza, e visando sempre a sustentabilidade ecológica, econômica, social, cultural, política e ética dos grupos envolvidos no processo, na escala local. (2011, p.239).

As práticas agroecológicas favorecem um desenvolvimento sustentável. A busca e as propostas por relação de equilíbrio e respeito aos ecossistemas integram processos sociais e ecológicos viáveis para minimizar os impactos ao meio ambiente.

O termo agroecologia surge na década de 1970, em contraposição e resistência ao modelo de agricultura convencional. Essa utiliza insumos de forma imprópria causando riscos à saúde e gerando insustentabilidade ao meio ambiente. Num contexto de insustentabilidade discussões sobre agriculturas alternativas entraram em pauta através de propostas coletivas sobre o desenvolvimento de uma forma de agricultura que contrapõe o modelo tradicional. Embora a agroecologia tenha se fundamentado de fato nos anos 1970, no início do século XX já existiam práticas alternativas devido a preocupações com a produção de alimentos e o frequente uso de insumos químicos considerados de grande impacto ao meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas. (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Com o advento da Revolução Verde no século XX questões ambientais e agrícolas começaram a ganhar maior visibilidade, isto porque o mundo vivia o problema da fome intensa, e as inovações tecnológicas trazidas com a Revolução propuseram o aumento da produção agrícola através da inserção de novas tecnologias e maior oferta de alimentos, transformando toda forma de produção, e gerando também consequências devastadoras, tais como degradação ambiental e desigualdade social.

O crescente uso de agrotóxicos passou a ser cada vez maior no setor agrário, o que acarretou impactos negativos tanto ambientais como sociais.

A Revolução Verde também é reconhecida por aumentar a concentração fundiária e a dependência de sementes, alterando a cultura dos pequenos proprietários que encontraram dificuldades para se inserir nos novos moldes. (RAPACCI, 2018, p.9).

Deste modo, o elevado uso de insumos químicos que impactaram de forma intensa o meio ambiente junto com outros problemas intensificados pela Revolução Verde chamaram a atenção de ambientalistas e defensores sociais em torno de mudanças para um desenvolvimento sustentável em relação ao modo de produção da época. Os interesses eram em torno, principalmente, de um modelo de produção que atendesse princípios de sustentabilidade, justiça social e respeito aos ecossistemas, e com isso também uma menor dependência possível do uso de agrotóxicos conservando assim os recursos naturais (AQUINO; ASSIS, 2007).

De certa forma, mesmo diante de vários problemas produzidos pela Revolução Verde, o evento representou um grande passo para repensar questões sobre desenvolvimento sustentável e estratégias que envolviam política, educação ambiental, ecologia política, e relação social e econômica.

Em virtude das contradições, das críticas, dos avanços da agronomia e ecologia, e ainda sobretudo pela defesa e busca de práticas alternativas que respeitassem os ecossistemas, a agroecologia foi progredindo de forma significativa nos anos 1970 e começo dos anos 1980 (VELOZO, 2017). Essa abordagem ganhou destaque a partir de movimentos sociais e projetos dos próprios agricultores no sentido de implementarem um modelo de agricultura que atendesse princípios de menor dependência em relação ao uso de insumos químicos, conservando assim os recursos naturais existentes. Embora ainda existissem resistências e divergências por parte de alguns movimentos sociais quanto ao termo agroecologia (ALMEIDA, 2002).

Conforme Santos (2018), a agroecologia é definida como um sistema de produção que funciona com o uso natural do solo, além de considerar a importância cultural como agente de conhecimento e auxílio para o cultivo. Numa definição mais ampla, a agroecologia:

[...] é uma ciência que se fundamenta no respeito profundo à natureza e aos sujeitos envolvidos no processo produtivo, valorizando as relações pessoais e coletivas na busca da sustentabilidade. A natureza não é simplesmente objeto de exploração, mas componente vivo que deve ser preservado e enriquecido ininterruptamente. (CAPORAL; AZEVEDO, 2011, p.181).

Neste sentido, a agroecologia surge como uma proposta nova que valoriza o meio ambiente, as relações dos sujeitos envolvidos no processo produtivo, e acima de tudo as experiências de conhecimento dos agentes. Em vista disso, ela não se designa apenas como um modelo de processo produtivo, mas:

[...] como uma ciência integradora a Agroecologia reconhece e se nutre dos saberes, conhecimentos e experiências dos agricultores(as), dos povos indígenas,

dos povos da floresta, dos pescadores(as), das comunidades quilombolas, bem como dos demais atores sociais envolvidos em processos de desenvolvimento rural, incorporando o potencial endógeno, isto é, presente no “local” [...]. (CAPORAL; AZEVEDO, 2011, p. 46).

A agroecologia se estabelece como uma estratégia de desenvolvimento sustentável conveniente para um melhor equilíbrio dos impactos ao meio ambiente, menor dependência de insumos na produção, e principalmente em contraposição ao modelo de agricultura convencional. Caporal e Azevedo (2011, p.88-89) apontam que a agroecologia é também uma alternativa que busca incorporar os saberes e experiências dos agricultores com outras ciências, para assim compreender como o modelo de desenvolvimento e de agricultura estão se desenvolvendo, e se possível desenhar novas estratégias de agriculturas sustentáveis.

Como observamos, a agroecologia é um modelo de agricultura que possibilita a integração de elementos que respeitam a natureza, através da busca pela sustentabilidade. Ela permite aos produtores uma maior autonomia em relação a conhecimentos e experiências vividas, e sobretudo promove a qualidade de vida das pessoas, além de valorizar as relações pessoais e coletivas dos produtores.

Santos afirma que:

Além de se considerar o balanço energético do ciclo de produção, outro importante pilar da agroecologia é a qualidade do alimento. Para a população, este é o principal foco na atração, além do fortalecimento do agricultor tradicional e da preservação da natureza. O alimento que não é produzido com insumos químicos venenosos ainda é visto como fora da realidade, porém não está tão distante quanto a sociedade imagina. Muito pelo contrário, a agroecologia está presente para mostrar que é possível que a população alimente a si e suas famílias de forma saudável e use para essa nutrição produtos em que pode confiar. (2018, p. 29)

Neste sentido, a agroecologia como alternativa de produção que busca a sustentabilidade torna-se ainda mais significativa a maneira que concilia produção com a conservação dos recursos naturais, fortalece o agricultor, e ainda oferece produtos de qualidade. Essa nova forma de produzir transformou os modos de produção agrícolas convencionais, em alternativa para aumentar a qualidade de vida dos consumidores e diminuir impactos ambientais.

1.2 Produção Orgânica

Atualmente, a preocupação com o modo de consumo alimentar em relação a qualidade dos alimentos, e os efeitos que a produção alimentar pode causar, tem ganhado mais espaço em discussões sobre como produzir de forma mais sustentável.

A agricultura orgânica nesse contexto chega como uma forma de minimizar tais efeitos e promover uma maior qualidade de vida a partir da produção de alimentos saudáveis. Conforme apontam Santos e Monteiro:

A agricultura orgânica tem como princípios e práticas encorajar e realçar ciclos biológicos dentro do sistema de agricultura para manter e aumentar a fertilidade do solo, minimizar todas as formas de poluição, evitar o uso de fertilizantes sintéticos e agrotóxicos, manter a diversidade genética do sistema de produção, considerar o amplo impacto social e ecológico do sistema de produção de alimentos, e produzir alimentos de boa qualidade em quantidade suficiente. (2004, p. 81).

Desse modo a agricultura orgânica fundamenta-se na conservação do meio ambiente e na preocupação com a produção de qualidade.

A agricultura orgânica é o sistema de produção que exclui o uso de fertilizantes sintéticos de alta solubilidade, agrotóxicos, reguladores de crescimento e aditivos para a alimentação animal, compostos sinteticamente [...]. (RODRIGUES, 2011, p.68).

De acordo com Santos e Monteiro (2004), a agricultura orgânica surgiu ainda na década de 60 a partir do reconhecimento dos produtores e consumidores sobre os efeitos da utilização de insumos químicos na produção alimentar, na saúde das pessoas e no meio ambiente. Nos anos 1990 houve um crescimento expressivo tanto no mercado consumidor como no número de produtores. O expressivo crescimento da agricultura se deu por haver maior consciência dos consumidores a respeito dos efeitos que a utilização de insumos químicos podiam causar à saúde.

O termo *orgânico* segundo Medaets e Fonseca (2005, p.9), é utilizado para identificar padrão de produção de alimentos e fibras sem o uso de insumos químicos, agrotóxicos, fertilizantes, entre outros. Desse modo, o sistema orgânico de produção busca consolidar uma política de qualidade e controle da produção.

Ainda conforme Medaets e Fonseca (2005), a agricultura orgânica admite também uma dinamização da economia local, uma vez que, pode existir uma demanda mais elevada por insumos a depender de cada região. A Lei nº 10.831, de dezembro de 2003, denomina como sistema orgânico de produção agropecuária:

todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à

integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente. (BRASIL, 2003)

Segundo Araújo Filho e Marinho (2003, p.4), a produção e o processamento orgânicos estabelecem-se sobre princípios e ideias nos quais são considerados igualmente essenciais. Em ambos ocorre o manejo apropriado dos recursos naturais e a produção de alimentos sustentáveis. Para os autores o objetivo da agricultura orgânica é fundamentá-la numa relação íntima com o homem, a agricultura e as condições ecológicas.

O modo de produção orgânica neste sentido, está inserida em um sistema agrícola de produção que tem a preocupação com a qualidade de vida do ser humano, a conservação dos recursos naturais, a preservação do meio ambiente, e ainda com a interação do homem com meio natural.

Não obstante, Santos e Monteiro (2004) argumentam que embora a agricultura orgânica esteja ligada a uma produção que atende a princípios básicos e maior consciência dos consumidores quanto aos impactos que a utilização de insumos químicos podem causar, ainda existem dificuldades no mercado de produtos orgânicos. Isto porque a necessidade de pagamento de certificação, fiscalização e assistência técnica gera custos aos produtores.

Contudo, em estudos comparativos entre os sistemas orgânico e convencional, foi possível observar que o sistema orgânico, mesmo diante a tais dificuldades, pode ser competitivo e vantajoso do ponto de vista econômico e ambiental. (SANTOS; MONTEIRO, 2004).

1.3 Agricultura Familiar

A agricultura familiar de base agroecológica entrou em pauta a partir de um conjunto de políticas que surgiram no setor rural nos anos 1990, o que se tornou viável para atender às demandas dos agricultores. Caracterizadas como incluídas e relevantes, por estimular a geração de renda e o incentivo na produção e comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar, essas políticas têm como objetivo incentivar e promover suporte para produtores no que concerne a investimentos para a produção e comercialização de produtos provenientes da agricultura familiar. Essas iniciativas deram

maior visibilidade aos pequenos agricultores no que diz respeito principalmente a forma como são produzidos seus produtos e como a produção impacta no meio ambiente.

Desta maneira, a produção agroecológica tende a diminuir os impactos ao meio ambiente e a promover a qualidade de vida das pessoas através de sua forma sustentável de produzir. Assim, “a produção de base agroecológica concilia a conservação da natureza, o empoderamento e a distribuição da riqueza [...]”. (SOUZA; ANDRADE, 2019, p.73).

1.4 A Feira Agroecológica.

De acordo com Santos (2018), as feiras livres são praticadas há muitos anos, e elas são consideradas ferramentas importantes de trocas sociais e econômicas.

A feira traz desde a sua origem o contato direto entre o consumidor e o produtor, tornando esta relação ainda mais importante. A qualidade do produto pode ser verificada de fato pelo cliente quando o produtor conta um pouco de sua história e cotidiano, mostra fotografias da produção, ou até mesmo o convida para conhecer sua roça ou local de trabalho, e o consumidor pode até conseguir dicas de como preparar o alimento que está adquirindo [...]. (SANTOS, 2018, p.35).

Percebe-se que o espaço da feira proporciona a comercialização de mercadorias, uma maior aproximação do consumidor com o produtor, além de todo conjunto de troca de saberes e experiência de vida de todos que frequentam este espaço. Existe na feira a circulação econômica, mas também a função social, política e cultural que o ambiente proporciona.

Segundo Mariana Santos (2018), as feiras são espaços relevantes de comercialização de mercadorias advindas da agricultura familiar. Elas permitem uma aproximação entre o campo e a cidade, e assim é possível que os produtores participem diretamente de todo processo de comercialização de seus produtos, a partir da representação que a feira permite a eles.

Para a pesquisadora:

Há diversos tipos de feiras, que podem ser tanto de categoria alimentar, com a participação da agricultura familiar, de pequena escala, como vegetais, conservas e doces, entre outros, e também de outras categorias como roupas, produtos de higiene pessoal, artesanatos para decoração, enfim, há uma variedade de possibilidades. Desde a colonização brasileira é registrada a prática de feiras livres, que remetem uma importância cultural e econômica secular [...]. (SANTOS, 2018, p.35).

Nesta perspectiva ela chama atenção para a feira agroecológica como um tipo de feira que engloba diversas questões. Diferente das feiras livres, nas feiras agroecológicas são comercializados produtos advindos da agricultura familiar. Neste espaço existe a busca pelo natural, por uma produção livre de agrotóxicos, onde a relação do agricultor com sua

produção é diferenciada na medida em que ele utiliza de insumos naturais e orgânicos, o que os estimula a preservação da natureza e do meio ambiente. A busca dos consumidores dessa feira é por alimentos naturais e saudáveis. (SANTOS, 2018, p.36).

Pode-se observar também que além ganhos econômicos, os quais os produtores conseguem obter com a comercialização de suas mercadorias, a feira tem o potencial de construir relações que perpassam estes ganhos. Conforme Rodrigues e Silva:

Os camponeses têm feito do espaço da feira um lugar para desmitificar a velha imagem construída pela mídia de que “assentado” é preguiçoso e tem buscado estabelecer laços de amizade e de troca de saberes. Cabe dizer que os ganhos econômicos não são os únicos, nem os mais relevantes de que são possuidores [...]. (2011, p.250).

Deste modo, podemos observar que as feiras agroecológicas têm um diferencial em relação às feiras livres. Quando se trata dos produtos comercializados, todos eles são de base agroecológica, contrapondo o modelo de agricultura convencional, ou seja, sem a utilização de “veneno”, o que faz com que a feira se torne um lugar ainda mais procurado pelos consumidores.

Lima e Rodrigues (2011, p. 135), destacam a feira como uma alternativa viável para os camponeses, uma vez que permite a autonomia de organização numa relação entre produtor e consumidor, na qual ambos ganham com a negociação sem que ocorra a participação de atravessadores. Assim, “[...] além disso, as feiras são pontos de encontro. Nelas se estabelecem muitas relações sociais, entre os próprios camponeses, assim como entre os camponeses e parceiros”. (RODRIGUES; LIMA, 2011, p.135).

Compreende-se as feiras agroecológicas como espaços de comercialização de produtos de qualidade que proporcionam saúde aos consumidores, a preservação do meio ambiente, e ainda permitem aos produtores a venda direta de seus produtos. Como destacam Souza e Andrade:

Tamanha relevância da Agricultura Familiar reforça a importância da existência de espaços para o escoamento dos seus produtos atendendo aos princípios da agroecologia, sendo as feiras agroecológicas o meio mais pertinente para tal, pois representam espaços de comercialização direta, sem a interferência de atravessadores, o que torna possível a venda do produto com preço justo, reforçando os laços entre o campo e a cidade. (SOUZA; ANDRADE, 2019, p. 73).

Os espaços das feiras agroecológicas adotam princípios de produção agroecológica, produzindo sem o uso de insumos químicos, e com uma maior aproximação entre produtores e consumidores, uma vez que, reforçam os laços entre o campo e a cidade.

[...] Mas está para além disto quando pratica a comercialização de produtos que buscam proporcionar qualidade ambiental e de vida, se preocupando com a saúde do planeta, a geração de emprego e renda e acesso a alimentos saudáveis. (SOUZA; ANDRADE, 2019, p. 74).

Nota-se que as feiras agroecológicas estão articuladas não só com o espaço de comercialização de produtos, mas também com as relações sociais construídas a partir desse espaço, com todo conhecimento, experiências, troca de saberes entre produtores e consumidores, e principalmente com a lógica de rompimento do problema dos ‘atravessadores’.

1.5 Reforma agrária e as políticas vigentes

De acordo com a pesquisa *Efeitos das Políticas Agrárias da Paraíba* (AMARANTE; MOREIRA; AMARANTE, 2019) na *Revista de Política Agrícola*, com base em dados do IBGE e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), entre os anos de 1955 e 2012 há o registro de a criação de 292 projetos de assentamentos, com capacidade para 14.464 famílias. “No entanto, esses assentamentos abrigavam 14.052 famílias, ou 97% da capacidade. Ressalta-se que foram destinados para a reforma agrária até aquele ano 276.467,3 hectares”. (AMARANTE; MOREIRA; AMARANTE, 2019, p.64-65).

Constatou-se que os assentamentos criados na Mata Paraibana tinham viabilidade econômica, gerando emprego, retirando as pessoas de trabalhos precários, bem como oferecendo a ampliação da oferta de alimentos. Sendo que cinco microrregiões possuíam mais de 941 famílias assentadas: Sapé, com 2.279 famílias; Litoral Sul, 1.761; Brejo Paraibano, 1.678; Curimataú Oriental, 1.180 famílias; e Cariri Ocidental, 942 famílias.

O maior número de projetos de assentamentos criados pelo governo federal na Paraíba está exatamente nas áreas onde estão as resistências dos trabalhadores ao processo de expulsão da terra, seja pelo processo de modernização da agricultura, seja pela expansão da pecuária. (MOREIRA; TARGINO, 1977, apud AMARANTE; MOREIRA; AMARANTE, 2019, p.65)

Atualmente, existem leis referentes ao contexto Agrícola Familiar na esfera federal, como o Decreto Nº 9.064, de 31 de maio de 2017 que:

Dispõe sobre a Unidade Familiar de Produção Agrária, institui o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar e regulamenta a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, *caput*, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 6º da Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, Decreta: Art. 1º As políticas públicas direcionadas à agricultura familiar deverão considerar a Unidade Familiar de Produção Agrária - UFPA, os empreendimentos familiares rurais, as formas associativas de organização da agricultura familiar e o Cadastro Nacional da Agricultura

Familiar - CAF. (Artigo com redação dada pelo Decreto nº 10.688, de 26/4/2021). (BRASIL, 2017).

E na esfera estadual, com a Lei nº 12.107, de 25 de outubro de 2021, a qual:

Dispõe sobre a Instituição da Política Estadual de apoio à agricultura familiar, e dá outras providências. O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art 1º Fica instituída a Política Estadual de Apoio à Agricultura Familiar no Estado da Paraíba, que terá como finalidade o conjunto de atividades exercidas pelo poder público da Administração Direta e Indireta e do setor privado que venham beneficiar, direta e indiretamente, o setor na promoção do desenvolvimento social, econômico e cultural, desde que reconhecido seu interesse público, considerando a Lei Federal nº 11.326/2006, de 24 de julho de 2006. (PARAÍBA, 2021).

É importante registrar que os novos marcos legais corroboram para melhores condições de vida para a população estudada, entretanto, até o momento das entrevistas ainda não contavam com tais atualizações. Recorre-se a fins de análise o ano base de 2016, mantendo a observação da lei base de 2006.

1.6 Um breve histórico sobre os assentamentos Padre Gino, Rainha dos Anjos, Dona Helena e Boa Vista

Segundo dados do Incra, a Paraíba tem 307 assentamentos e 14.460 famílias estão assentadas. Esses assentamentos possuem uma área de 288 mil hectares. Em 2014, o Incra garantiu a emissão de posse de sete imóveis, dos quais seis já foram transformados em assentamentos onde vivem 369 famílias. O planejamento do Incra para 2015 é a criação de mais cinco assentamentos que abrigariam 365 famílias.

É importante mencionar que todos os produtores rurais que comercializam seus produtos na feira são oriundos dos assentamentos mencionados acima, exceto um produtor que mora no Vale do Timbó, em João Pessoa, Paraíba. De acordo com seus relatos são eles que produzem e comercializam seus produtos na feira. Alguns mencionaram que trabalham na agricultura há muitos anos, mas que a forma de produção se dava com uso de agrotóxicos. Assim, de acordo com as falas dos sujeitos produtores, a feira possibilitou a mudança na forma de produção e comercialização.

1.6.1 Assentamento Padre Gino, Sapé-PB

Fundado em 1996 no Município de Sapé, a comunidade Padre Gino tem 62 famílias que trabalham tanto com práticas agrícolas quanto agropecuária, participando ativamente no processo agroecológico e fortalecendo a agricultura familiar camponesa.

O assentamento está seis quilômetros distante da sede do município de Sapé, região em que a produção da cana-de-açúcar e do abacaxi predomina. A produção acontece por meio da agricultura familiar, que abastece grande parte dos mercados locais e da região.

Foi através da ocupação da fazenda improdutiva Santa Luzia, que se transformou em dois assentamentos posteriormente, que o assentamento Padre Gino se originou. O nome do local foi em homenagem ao Padre Gino falecido em 1995 na Itália.

Os agricultores do referido assentamento estão vinculados ao Incra. Embora os assentados já estejam há 23 anos na terra, ainda esperam do instituto o título de posse da mesma (SILVA, 2019).

1.6.2 Assentamento Rainha dos Anjos, Sapé-PB

Localizado no município de Sapé-PB que faz parte da Mesorregião da Mata Paraibana. O assentamento fica distante da capital do Estado e de outros municípios de importância para o assentamento Rainha dos Anjos. Os assentados que moram atualmente no local são moradores da antiga fazenda Cuité - Sapé e naturais do município de Sapé (CUNHA, 2000).

Criado no período de 1998 a 2001. O assentamento Rainha dos Anjos representa uma reorganização do território do município na área reformada. Existe uma associação dos trabalhadores rurais do assentamento e representantes na organização.

1.6.3 Dona Helena, Cruz do Espírito Santo- PB

O assentamento Dona Helena foi criado pelo Incra em 1996, com capacidade para 105 famílias de agricultores, mas, oficialmente, conta com apenas 92 famílias na relação de beneficiários homologada no Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária (SIPRA), que reúne dados gerais sobre as áreas de assentamento e das unidades familiares assentadas.

De acordo com Lorenzo (2011) existem, porém, cerca de vinte e quatro famílias, descendentes de camponeses desse assentamento que ainda aguardam a nomeação do Incra para serem assentadas. O principal motivo é a mobilidade existente de camponeses que se deslocam de suas parcelas, as abandonando ou negociando.

O Estado através de suas ações permitiu a construção da territorialidade do assentamento Dona Helena. Contudo, a sua continuidade é construída por práticas culturais e processos econômicos que envolvem produção agroecológica, circulação de mercadorias,

comercialização dos produtos e cuidados com o meio ambiente, fatores importantes para reconhecimento do território conquistado (LORENZO, 2011).

Ainda conforme Lorenzo (2011) o assentamento Dona Helena é reconhecido de acordo com a comunidade como o “pai” dos assentamentos na Várzea Paraibana, em virtude de ter sido o primeiro a ser conquistado na Microrregião de Sapé.

Esse reconhecimento foi impulsionado pela luta e resistência de permanência na terra, fato esse que culminou na formação de outros assentamentos na região onde se localiza o assentamento Dona Helena.

1.6.4 Assentamento Boa Vista, Sapé-PB

Localizado também no município de Sapé-PB região intermediária de João Pessoa. O Assentamento possui 122 famílias cadastradas pelo Incra e os filhos agregados dos assentados. Possui lotes de 6,5 hectares para cada famílias cadastradas. A organização do assentamento Boa Vista se deu pela iniciativa dos próprios agricultores antes de entrarem na terra, existe um presidente há mais de 10 anos à frente da associação do assentamento e dois representantes comandam a associação.

O assentamento pode ser considerado como rico em recursos hídricos, pois é cortado por um rio (GALDINO, 2018). Embora exista uma associação de representação no assentamento, de acordo com Galdino (2018) ainda existe dificuldades em relação a forma de organização.

Os produtos produzidos pelos agricultores do assentamento são vendidos em feiras agroecológicas em João Pessoa e Sapé.

2 A FEIRA AGROECOLÓGICA: MAPEAMENTO DOS PERFIS DE FEIRANTES E CLIENTES

Fotografia 1 - Mural Feira Agroecológica EcoVárzea.



Fonte: elaborado pelo autora (2022)

A Feira Agroecológica EcoVárzea, no Campus I da UFPB, acontece desde 2002. A feira comercializa produtos advindos de quatro assentamentos rurais: assentamento Padre Gino, Sape-PB; Rainha dos Anjos, Sapé-PB, Dona Helena, Cruz do Espírito Santo-PB e Boa Vista, Sapé-PB; e um feirante produtor individual do Vale do Timbó/Bancários, em João Pessoa. Pontualmente, nas sextas-feiras, a feira acontece no interior da Universidade Federal da Paraíba e conta com a participação de aproximadamente 50 famílias.

O local fica no bairro Castelo Branco, em João Pessoa, Paraíba, e faz parte de um dos pontos de “comércio” da UFPB. Lá está à feira de produtos agroecológicos. A feira se localiza próximo ao Centro de Vivência Campus I da universidade, e ao restaurante universitário do campus. O interesse de estudar esse local se deu por uma disciplina cursada (Sociologia Rural), ministrada pela professora Patrícia Ramiro do curso de Ciências Sociais da UFPB. Tivemos a oportunidade de conhecer o local da feira, bem como fazer uma pequena pesquisa através de entrevistas com alguns feirantes, no propósito de conhecer um pouco de suas histórias de vida.

Esta disciplina abriu possibilidade de pensar as interações dentro daquele ambiente e a partir daí entender como se constroem os laços sociais entre feirantes e clientes, mediante todo o conjunto de práticas e contato entre estes sujeitos. Assim, abriram-se caminhos para fazer um trabalho etnográfico orientado pela professora Rosa Melo do departamento de Ciências Sociais da UFPB.

Os sujeitos feirantes analisados na referida pesquisa foram agricultores vindos de assentamentos que fazem parte de uma Associação de Agricultores e Agricultoras, chamada EcoVárzea que dá suporte a esses feirantes. Foi desta maneira que surgiu a presente pesquisa.

A escolha de investigar neste local se deu ainda por ser um ambiente com acesso “facilitado” em termos de deslocamento, já que se localiza dentro do próprio ambiente universitário me possibilitando um “contato maior” com o universo da pesquisa. Assim, abriram-se caminhos para fazer um trabalho etnográfico orientado por Rosa Virginia Araújo de Albuquerque Melo, bolsista de Pós-Doutorado. A mesma ministrou a disciplina de Pesquisa Antropológica I – A Etnografia no Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) pela Universidade Federal da Paraíba.

Aparentemente não existia interação entre os feirantes e clientes na feira, alguns compravam e saíam rapidamente, isto podia acontecer pela pressa talvez de terem algum compromisso importante em seu dia a dia. No entanto, percebe-se que na feira os feirante e clientes constroem "laços sociais entre eles. Assim, a problemática levanta a questão de que existe interação entre feirantes e clientes naquela feira.

2.1 Descrição do campo

Fotografia 2 – Vista da Feira Agroecológica EcoVárzea



Fonte: elaborada pela autora em 2022

Fotografia 3 e 4 – Vista da Feira Agroecológica EcoVárzea



Fonte: elaborada pela autora 2022



Fonte: elaborada pela autora 2022

A feira teve início no ano de 2002, a partir da iniciativa da comercialização de produtos agrícolas agroecológicos. A produção adota como princípio a preservação ambiental e o desenvolvimento local sustentável, bem como, a finalidade de constituir relações entre campo e cidade, isto é, entre o rural e o urbano.

Foi através do projeto Feira Agroecológica da Paraíba, que as implementações de feiras voltadas à produção agroecológica ganharam destaque na Paraíba. Isto se deve ao fato de que os assentamentos rurais vêm se ampliando cada vez mais pela dinamização da economia e pela geração de emprego com um número maior de famílias empregadas com a venda desses produtos. “Atualmente a feira conta a participação aproximada de 50 famílias que combinam, através de gestão cooperativa, a agroecologia e a economia solidária”. (ABRANTES; CAMURÇA, 2011, p.2).

Há um grande movimento no local de realização da feira, desde carros, clientes, estudantes, professores, e até crianças, todos circulando de um lado para o outro naquele barulho, entre gritos, conversas e sons dos que circulam por ali. É possível observar logo de início que aquela feira se diferencia de outras feiras. As barracas são em sua grande maioria de estruturas de ferro e cobertura de lonas, exceto uma que fica separada das demais com estrutura de plástico. A maioria dos feirantes usa fardas de cor verde em forma de jaleco, e com a identificação da feira. No entanto, algumas fardas se diferenciam pelo

formato do jaleco. Há umas mais abertas e outras mais fechadas, as mais fechadas possuem a seguinte frase: *Agricultura Familiar Agroecológica*. Já nas mais abertas havia só o nome na frente: *Feira Agroecológica*, e atrás uma frase que dizia: *Terra de Deus, terra dos irmãos*, e ainda uma sigla CPT, referente à Comissão Pastoral da Terra. Além disso, a feira fica ao redor de uma área coberta de matas que comporta grande parte da universidade, nos convidando assim para um verdadeiro lugar de venda, entretenimento, consumo e “interação”.

O ambiente da feira está em “harmonia” com os tipos de produtos que oferece. É possível notar além das fardas que identifica os tipos de produtos vendidos ali, como sendo naturais, cartazes e banners postos em alguns locais do ambiente que mostram a importância de consumir produtos sem agrotóxicos.

Entre barulhos e conversas as pessoas também compartilham de certas “distrações”, no início de uma manhã aparentemente silenciosa o comprar e vender tornam-se “atrações” que possivelmente elas não encontrariam em outros lugares. Mesas são compostas por pessoas de faixas etárias variadas, num verdadeiro jogo de “consumo e entretenimento”. Em grande parte das observações eram os homens que ocupavam as mesas que algumas barracas oferecem aos seus clientes, todos compartilhando de conversas em tom alto, e dando gargalhada. Percebi que a feira além do lugar de compra e venda, serve como lugar de encontros entre “amigos”.

Os outros que ali frequentavam ficavam circulando de um lado pra outro, indo e vindo, conversando, comprando nas barracas, indo possivelmente ao banheiro, porque no local havia um ambiente no qual as pessoas entravam e saíam constantemente. Fui informada que era um depósito que servia para guardar as barracas no final do expediente, mas que tinha banheiros oferecidos para as pessoas, e ainda uma espécie de cozinha comunitária, na qual os feirantes ou os que ali trabalhavam e circulavam, compartilhavam do mesmo ambiente assim como na cozinha.

A feira tem 19 barracas com estruturas de ferro e apenas uma com estrutura de plástico, e os produtos vendidos são variados, desde alface, coentro, batata, bolos, tapioca, chás, plantas, panelas de barro, feijão, até artesanato dentre outros. Existem até os que vendem carne de bode e galinhas, tanto “cruas” como cozidas.

2.2 Dados Gerais

Foi feita a coleta de dados com aplicação de questionários com os feirantes e clientes. Foram dez questionários aplicados aos clientes. Estes foram divididos a partir da categoria sexo: cinco questionários aplicado ao sexo feminino e cinco ao masculino.

Em relação aos feirantes os questionários foram divididos pela mesma categoria, no entanto para o sexo feminino foram aplicados quatro questionário e cinco para o masculino. As perguntas foram diferenciadas em relação aos questionários dos feirantes e clientes.

2.2.1 Entrevistas e entrevistados

2.2.1.1 Perguntas aos feirantes

1. Me conta um pouco de sua história. De onde o senhor veio? Você trabalha somente nessa feira?
2. De onde surgiu a história da feira de você fazer parte dela?
3. Você vem todas as sextas-feiras ou às vezes não vem?
4. Quais os produtos que você comercializa? Você mesmo produz e comercializa?
5. A feira é a sua principal fonte de renda ou tem algum outro trabalho extra?
6. Você vende somente nessa feira ou em outras feiras?
7. Como o senhor(a) faz para trazer os clientes? Qual sua relação com eles?
8. Considera importante a troca de informação sobre esse produto com os clientes?
9. O senhor(a) acha que os clientes saem satisfeitos?
10. Qual a sua relação com os outros colegas feirantes?
11. Além de você existe outro parente que vem com você para a feira?
12. Como o senhor(a) chegou à questão do orgânico?
13. O senhor(a) considera importante passar para os clientes a origem dos produtos?
14. Considera a feira como um ambiente também de lazer?
15. Qual é a principal forma de organização de vocês feirantes dessa feira? Existe algum tipo de associação?
16. Como o senhor(a) considera a sua relação com o cliente nesta feira?

2.2.1.2 Perguntas aos clientes

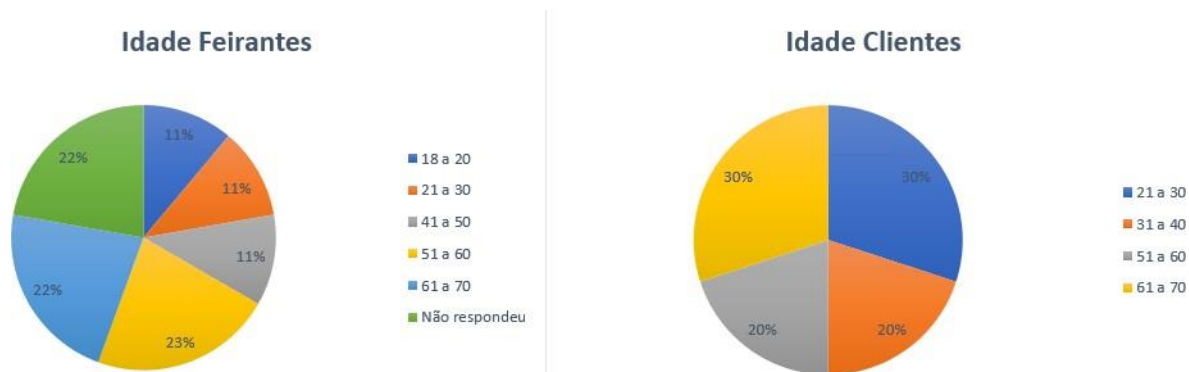
1. Como conheceu a feira?
2. Com que frequência você vem à feira e o que compra?
3. Você frequenta outras feiras além dessa?

4. Qual a sua relação aproximação com os feirantes?
5. Como você avalia o acolhimento dos feirantes nesta feira? É diferente de outras feiras? Por quê?
6. Que tipo de produto você compra sempre e como escolhe o vendedor?
7. Considera importante a confiança passada pelos feirantes sobre os produtos?
8. Com relação a possibilidade de criar parcerias em relação à troca de saberes sobre determinado produto por exemplo considera importante essa troca de saberes entre feirantes e clientes?
9. Considera essa feira como ambiente também de lazer além de apenas comprar?
10. Por que você considera essa feira importante?

2.2.2 Mapeamento

O mapeamento diz respeito a pesquisa socioeconômica, que faz parte da entrevista semiestruturada.

Gráfico 1: Idades dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2022)

No Gráfico 1, observou-se a variedade de idades entre feirantes e clientes. Neste quesito 22% dos feirantes não souberam responder. Já com relação aos clientes, 20% recusaram ou não quiseram responder.

Gráfico 2: Sexos dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2022)

A preocupação em trazer a igualdade na amostra da categoria sexo para os clientes, resultou em equilíbrio de 50% para cada gênero. Já a intenção de caracterizar a idade dos feirantes, pode-se observar que há 56% do público masculino e 46% do feminino.

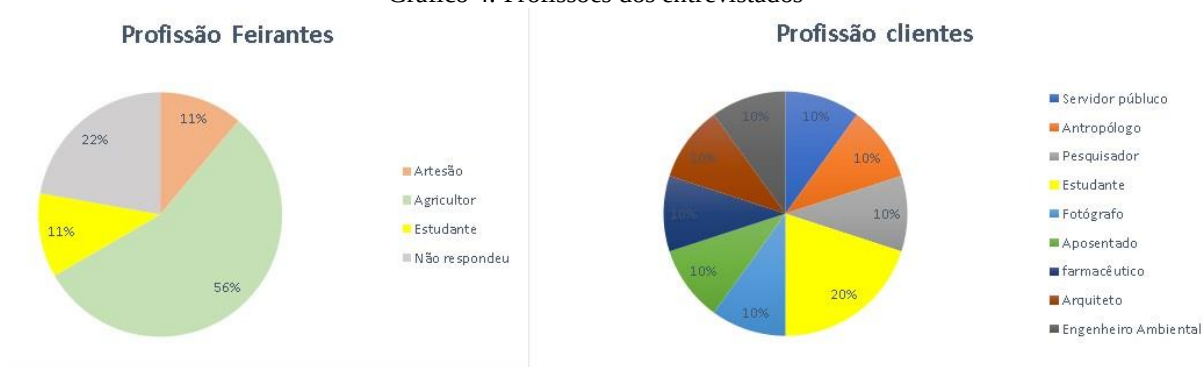
Gráfico 3: Escolaridades dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2022)

No Gráfico 3, nota-se além de aparecer o analfabetismo, o grau de instrução dos demais feirantes é baixo, o que contrasta com a dos clientes, no qual 60% possuem nível superior completo, enquanto 33% dos feirantes têm apenas o ensino médio. Para o quesito “não respondeu” dos feirantes, alguns não souberam responder.

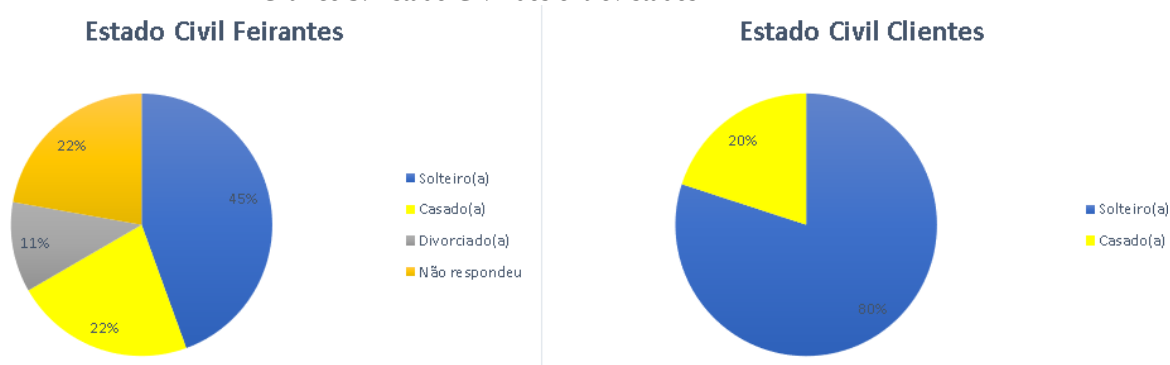
Gráfico 4: Profissões dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2022)

A profissão é variada na amostra dos clientes, enquanto na dos feirantes os 56% são agricultores. Com relação ao quesito “não respondeu” 22% não quiseram ou se recusaram a responder.

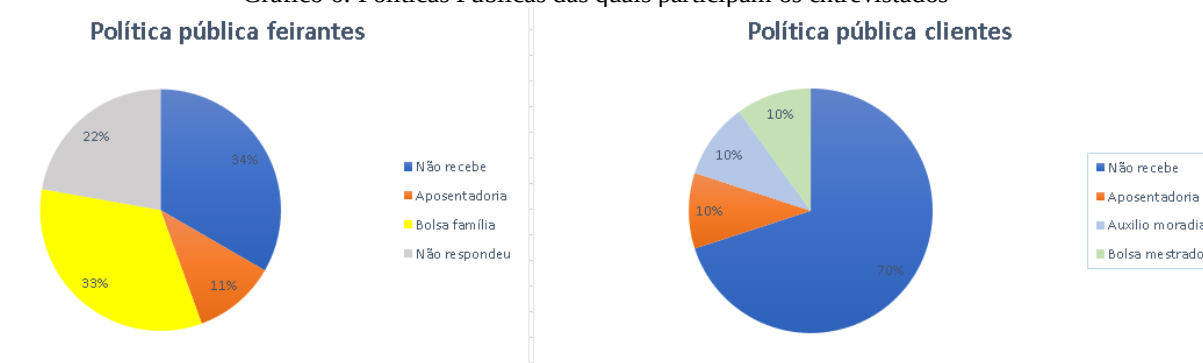
Gráfico 5: Estado Civil dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2022)

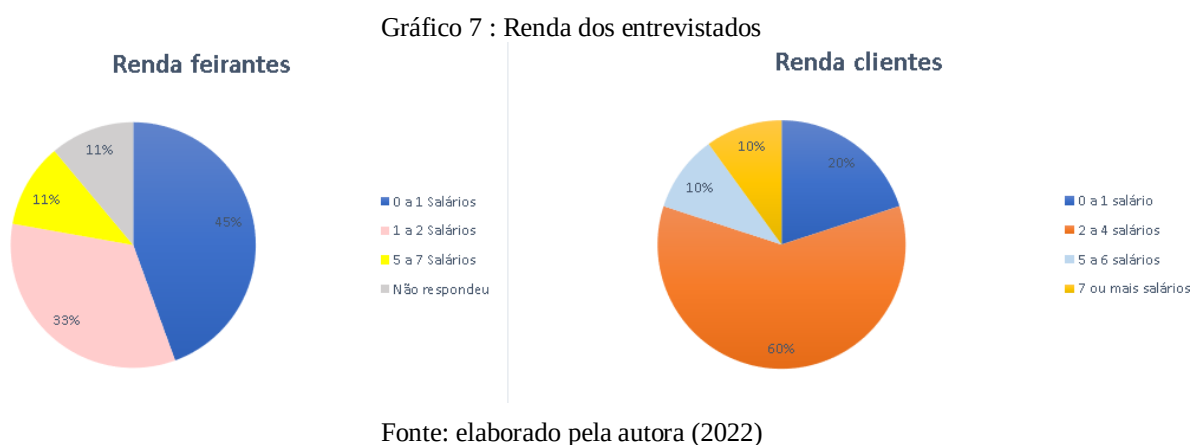
Na figura 5, no perfil dos feirantes, quase a metade são solteiros, no total de 45%, enquanto os clientes 80% solteiros e 20% casados. No quesito não respondeu, 22% se recusaram a responder.

Gráfico 6: Políticas Públicas das quais participam os entrevistados

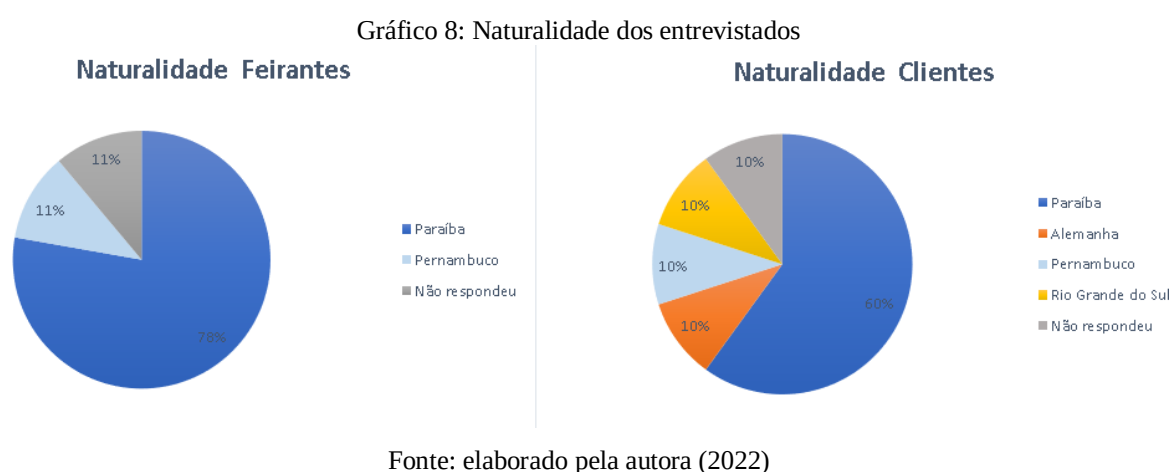


Fonte: elaborado pela autora (2022)

Na categoria política pública, 70% dos clientes não recebem nenhum tipo de política, 10% são aposentados, 10% recebem auxílio moradia e 10% não quiseram ou se recusaram a responder. Enquanto 33% dos feirantes são beneficiários do Bolsa Família e 22% não souberam responder.

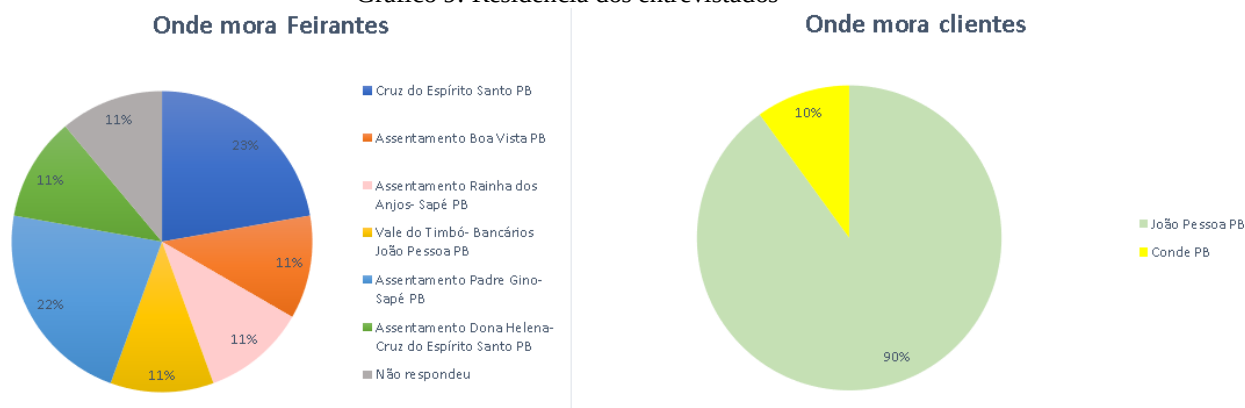


A renda, conforme o gráfico da figura 7 , indica que 45% recebem até 1 salário-mínimo, 33% recebem até 2 salários, 11% afirmam receberem entre 5 e 7 salários e 11% não souberam responder. Já no perfil de renda dos clientes, 20% recebem até 1 salário, 60% até 4 salários, 10% recebem entre 5 e 6, e 10% da fatia recebem acima de 7 salários.



O Gráfico 8 contempla a naturalidade. Sendo 78% dos feirantes nativos da Paraíba, 11% de Pernambuco e 11% não quiseram responder. Os clientes somam 60% nativos da Paraíba, 10% estrangeiros (Alemanha), 10% do Rio Grande do Sul, 10% de Pernambuco e 10% não responderam.

Gráfico 9: Residência dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2022)

O Gráfico 9 retrata a localidade, sendo que 90% dos clientes vivem em João Pessoa-PB e 10% no Conde-PB. Já os feirantes estão distribuídos nos assentamentos: 23% moram no assentamento Boa Vista-PB; 22% no Padre Gino em Sapé-PB; 11% no Vale do Timbó, João Pessoa-PB; 11% no assentamento Dona Helena Cruz do Espírito Santo-PB; 11% no assentamento Rainha dos Anjos-PB e 11% não responderam.

2.4 Discussão

Os questionários aplicados nos possibilitaram identificar e analisar o perfil dos feirantes e clientes para compreender o processo de interação social.

Nas entrevistas perguntou-se sobre a relação dos feirantes com os clientes e como aqueles fazem para trazer os clientes até sua venda. As respostas mostraram que a confiança é o que traz pessoas. O elemento confiança apareceu de forma significativa na maioria das falas dos feirantes. Como destaca o feirante com idade de 23 anos morador do assentamento Rainha dos Anjos Sapé-PB.

Laço de confiança é o que faz trazer as pessoas quando elas... é trazer produtos de qualidade e tentar demonstrar ao máximo a veracidade do produto [que] vocês estão vendendo. É comprovar que é orgânico e tal. Acho que é isso. É o que mais fortalece o laço entre o cliente e o vendedor. E as brincadeiras também. Aí praticamente viramos amigo mesmo. (Entrevistado nº 4 da Feira Ecovárzea-PB).

Para o feirante a confiança está relacionada com a forma de demonstrar a veracidade e comprovar a qualidade do produto, além das brincadeiras no momento da venda. Segundo o relato do feirante, as brincadeiras e a confiança são o que fazem fortalecer o laço entre ele e o cliente. A Feira Ecovárzea revela ser um espaço de

construção de laços, onde as relações se dão através de diferentes formas a partir do momento da venda.

A maioria dos sujeitos frequentadores da Feira Ecovárzea considera importante a troca de informação sobre o produto. Tanto os feirantes como os clientes salientam a importância dos produtos de qualidade, considerados como produtos orgânicos. A confiança se mostra um dos elementos essenciais na relação entre feirantes e clientes, bem como o atendimento, a troca de experiência, o carinho, o conhecimento adquirido a partir do espaço da feira, enfim toda a dinâmica construída naquele ambiente. Nas falas dos entrevistados, esses elementos ficaram visíveis na grande maioria dos entrevistados.

A relação/aproximação é resultante ainda da forma como se trata o cliente. Conforme o relato de outra feirante artesã, com idade de 68 anos que reside no bairro Vale do Timbó Bancários João Pessoa-PB:

A gente tem que agradar os cliente porque se for uma coisa desagradável a gente não vai vender. A gente tem que ajeitar bem direitinho para poder vender, a gente diz bom dia minha querida meu amado fique à vontade eles ficam mais alegre mais satisfeito termina comprando. (Entrevistada nº4 da Feira Ecovárzea).

Conforme observamos, a forma como os feirantes tratam os clientes é de extrema relevância para vender seu produto e construir uma relação de proximidade. É indiscutível a importância do tratamento e a forma de apresentação do produto no momento da venda, sobretudo no que diz respeito a mostrar a veracidade do produto.

Nas entrevistas foi possível constatar uma relação de proximidade muito forte por parte tanto dos feirantes como dos clientes. Alguns clientes relataram que o carinho e a gratidão em receber os produtos criam um vínculo de amizade. Conforme o relato da cliente moradora do bairro Castelo Branco João Pessoa-PB:

Já é de amizade. Se tiver dinheiro eu compro, se eu não tiver eu compro também. Às vezes eu posso vir cedo ou tarde, ele chega e me dá mais do que eu comprei, entende? Já sabe o nome da gente. É bem diferente de outras feiras de muita gente. Lá não tem aquela relação. Claro, por causa disso a interação é diferente. Assim a gente faz laço de amizade, a gente sente assim... 'Não leva depois você paga', mas a gente também mantém a honestidade, se não quebra esse laço. (Entrevistada nº1 da Feira Ecovárzea).

O que se percebe é que a Feira Ecovárzea é um espaço possível de interação. Através do conjunto de práticas e estratégias principalmente utilizadas pelos feirantes, se estabelece uma relação com os clientes que perpassa a relação de compra e venda.

Segundo o relato da feirante nº1, moradora do município de Cruz do Espírito Santo-PB: “Alegro com um sorriso, recebo bem simpática. É uma relação bem próxima com meus clientes”. (Feirante nº.1 Feira Ecovárzea). Entende-se que a forma de receber os clientes e a imagem que é passada também influencia na relação entre ambos.

Quando se questionou aos clientes sobre a relação/aproximação com os feirantes, a maioria enfatizou que tem uma relação muito próxima com os feirantes, que já é de amizade e não apenas de compra e venda. Conforme uma cliente residente no bairro Castelo Branco, João Pessoa-PB: “Já fui na propriedade do feirante e construí um laço de amizade, pela confiança, pelo atendimento, pelo fato de comprar fiado, e ainda pelo fato também do feirante ligar para o cliente e oferecer determinado produto”.

Nota-se que grande parte dos entrevistados considera a feira como um espaço onde além de poder comprar, existe a questão das relações por eles construídas. A frequência com que vão à feira, a forma de tratamento, as brincadeiras, a apresentação do produto, tudo isso promove a interação entre os sujeitos.

2.5 Perspectiva teóricas: Noção de Grupos Sociais e Noção Práticas Sociais

Para analisar e contextualizar o ambiente da feira, incluindo neste cenário os sujeitos envolvidos à dimensão cultural, recorreu-se a contribuição da perspectiva teórica da autora antropóloga Viviane Vedana (2013), na medida em que, a feira proporciona múltiplas subjetividades, corroborando para a valorização dos bens culturais e naturais, do mundo rural e urbano, no que diz respeito a Noção de Grupos Sociais e Práticas Sociais.

2.5.1 Noção de Grupos Sociais

Para lidar com o universo deste trabalho, que são as interações, dialogo com a autora Viviane Vedana (2013) a partir do texto *Fazer a feira ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano*. A antropóloga trabalha com temáticas na área de antropologia, som e experiência; paisagem e ambiente; dinâmicas urbanas, formas de sociabilidade e cotidiano, e ainda com temáticas sobre trajetórias de trabalho e práticas cotidianas. A partir de pesquisas realizadas em mercados de rua a autora faz uma análise sobre práticas sociais dos feirantes para assim compreender os laços tecidos entre feirantes e fregueses no mercado de rua.

As análises sobre mercados de rua, aos quais o artigo se refere como parte de seus estudos de doutorado, contou com pesquisa de campo em mercados das cidades de Porto

Alegre e São Paulo, bem como em *marchés* de Paris. Essas análises foram apresentadas a partir das narrativas de interlocutores da pesquisa em observações participantes nos mercados de rua entre os anos de 2004 e 2008. Neste artigo a autora se debruça sobre as narrativas feitas em suas pesquisas de doutorado numa perspectiva um pouco diferente, como ela mesma afirma. Para esta pesquisa, as análises da autora foram realizadas a partir de revisitas a entrevistas e diário de campo que fazem parte de seus estudos de Pós-doutorado. A autora foca sua atenção no trabalho desses sujeitos a fim de compreender as práticas sociais como resultado da sistematização de um conjunto de saberes e experiências que foram construídas no dia a dia do mercado.

2.5.2 Noção de Práticas Sociais

Vedana desenvolve análises em mercados de rua, a fim de compreender as práticas sociais dos feirantes no espaço da feira livre. Argumenta a questão de que fazer a feira é também “fazer” o feirante sobre um conjunto de toda uma relação que vem desde o feirante, o freguês, o colega, os fornecedores etc. As práticas sociais dos feirantes são comuns no ambiente da feira, pois há todo o conjunto de conhecimentos do sujeito feirante sobre aspecto da agricultura, economia, alimentos, que perpassa o contexto de mercado, e permite a transformação do mundo globalizado.

Alguns aspectos semelhantes ao da autora foram percebidos nas minhas observações de campo realizadas na feira agroecológica da UFPB. Os sujeitos feirantes pesquisados também possuem conhecimentos sobre agricultura mais especificamente, pois eles fazem parte de associações dos assentamentos onde moram e lá aprendem todo conjunto de práticas, tanto em relação a agricultura como outros tipos de aprendizagens.

De todos os saberes e experiências que designam o trabalho do feirante o mais fundamental deles é, de acordo com a autora, a capacidade de interação com o outro e o jogo social com os fregueses e até mesmo com outros feirantes. A finalidade dessa capacidade de interação é estabelecer laços sociais.

A feira tem a capacidade de sociabilidade, “no decorrer de suas atividades é preciso dominar esse jogo, colocar a palavra em circulação no mercado e construir laços de reciprocidade com seus fregueses, produzindo o sucesso de seu negócio”. (VEDANA, 2013, p. 46). A construção de laços sociais é a capacidade de interação com o outro.

Segundo ela, para tecer laços sociais é preciso administrar o jogo numa dimensão que está associada ao trabalho e às brincadeiras e jocosidades que configuram as relações entre os feirantes e fregueses.

Procuro compreender como se constroem os laços sociais entre os feirantes e clientes, com intuito de descobrir como estes representam os significados que as pessoas atribuem a feira por ser uma feira voltada a produtos “naturais”, e a partir daí entender como acontece a interação entre os feirantes e clientes naquele local. No entanto, diferente das abordagens analíticas da autora que aconteceram em maior espaço de tempo, me debruço apenas nos relatos (falas) dos nativos e observações de campo que duraram aproximadamente um mês.

Além de todas as habilidades que os feirantes utilizam para conquistar suas clientelas e tecer laços de sociabilidade, eles também participam de todas as dinâmicas no espaço de trocas e sociabilidade de vida urbana. Pude observar na pesquisa que desenvolvi, que os feirantes também participam dessas dinâmicas de trocas no mundo urbano, pois a relação do mundo urbano com rural é construída a partir do momento de trabalho na feira.

Segundo Vedana (2013), o trabalho no mercado na perspectiva da antropologia dos trabalhadores não é visto em sua totalidade, mas como algumas de suas facetas, isto é, aspectos particulares de uma pessoa. Para isto, relativiza a palavra “sucesso” e as imagens que dele decorre.

O sucesso aqui referido evidentemente tem correspondência com a dimensão da vida prática de seus ‘negócios’; afinal de contas, ampliaram seus locais de venda e possuem inúmeros fregueses assíduos, mas diz respeito principalmente ao seu investimento em um trabalho que consideram prazeroso (mesmo que fatigante), assentado nas formas de sociabilidade e nos laços afetivos que tecem ao longo dos anos. (VEDANA, 2013, p. 50).

Os produtos vendidos em feiras livres abordadas no artigo, poderiam ser adquiridos em supermercados que contam com atuação desse trabalhador feirante. Contudo, são diferentes em termos de representações simbólicas do que se apresenta em feiras livres. Esta questão foi observada durante a pesquisa que desenvolvi. Observei que há diferenças na forma de apresentação e representação dos produtos aos clientes por parte dos feirantes. Esta forma de apresentação dos produtos diz respeito sobretudo a origem dos produtos que é explicitada no momento da venda por parte dos feirantes.

As habilidades de construir relações e promover sociabilidade quando se trata de troca, precisa do outro, no caso o freguês para que possa ser desenvolvida, uma vez, que não são todos os fregueses que aderem a essas interações, de acordo com Vedana (2013).

2.6 Análises

A feira pode ser compreendida como um “centro de sociabilidade”. Podemos observar em Da Matta (1987) que a sociabilidade está presente em qualquer sociedade. De fato, o círculo social no qual o homem está inserido é de fundamental importância para sua socialização. Aliás, as diferenças entre as sociedades podem sempre enriquecer a inteligência humana, considerando que tais diferenças são somente externas, relativas a determinados temas, problemas e situações, afinal todos os homens e mulheres compartilham a mesma aventura humana. Por outro lado, DaMatta sugere que devemos enxergar o todo pelas partes, sendo importante estudar as diversas relações entre os homens.

A principal problemática analisada, a interação entre os feirantes e clientes na feira EcoVárzea pode ser caracterizada por elementos como: a confiança, a origem dos produtos, a forma de apresentar os produtos, a amizade, a boa conversa, e ainda por brincadeiras. A relação entre os feirantes e clientes se dá por todos os princípios que envolvem a agroecologia, interação e produção orgânica.

Foram analisados nove feirantes e dez clientes, os feirantes foram sujeitos agricultores de assentamentos e associados à cooperativa que dá suporte a esses feirantes, informação obtida pelo relato dos próprios sujeitos.

Já os sujeitos clientes analisados foram “escolhidos” no momento das observações de campo. A partir das observações, relatos (falas) dos sujeitos da pesquisa, percebe-se que há interação entre ambos naquela feira. É possível observar que na feira os feirantes e clientes mantêm certo grau de interação uns com os outros.

Dentre as respostas mencionadas tanto pelos feirantes como pelos clientes, o principal elemento influenciador na interação de ambos os sujeitos é a questão da confiança dos produtos, por serem produtos naturais e de qualidade. Tanto nas falas dos feirantes como dos clientes, a confiança aparece como sendo de extrema importância para a interação. A forma de apresentação do produto se mostra relevante também para tecer laços sociais na fala dos feirantes.

Outro elemento que apareceu de forma explícita nas falas dos entrevistados foi a questão da origem dos produtos. Para alguns feirantes apresentar a origem dos produtos e garantir que eles estão vendendo produtos de qualidade e orgânico é o que fortalece o laço com o cliente.

As relações de amizade entre os feirantes e clientes, construídas na feira, na borda da antropologia, são os valores partilhados, numa perspectiva inaugurada por Clifford Gee-

rtz. Segundo Gropp “A análise cultural proposta por Geertz (1989, p. 38) postula uma abordagem semiótica da cultura, isto é, o entendimento da cultura como um sistema de símbolos, os quais podem ser lidos como um texto”. (2005, p.13).

Durante a pesquisa, se nota os sentimentos de proximidade entre os feirantes. O que, de fato, foi constatado após cruzar os discursos entre os próprios feirantes entrevistados. Nota-se ainda que alguns clientes entrevistados, manifestaram proximidade com crenças e valores subjetivos no que diz respeito a vida saudável, através de um processo dinâmico. De um lado, os feirantes produzem e vendem os produtos orgânicos e, de outro, os clientes compram e consomem os mesmos produtos. Compreende-se que se cria através de emoções tais subjetividades por partilharem a mesma intenção.

A questão da amizade foi outro elemento que aparece de forma significativa tanto nas falas dos feirantes como nas dos clientes. Os sujeitos mencionaram que a feira proporciona uma relação que vai além da compra/venda, e que lá a interação é construída por laços de amizade. Esse discurso permite identificar que nessa feira diferentes fatores influenciam na interação entre feirantes e clientes. Por ser uma feira voltada a produtos agroecológicos que não causariam risco a saúde, ela se mostra um espaço onde é possível construir laços sociais.

O mais interessante foi identificar a confiança nesse processo, conforme no relato a ser destacado aqui “Se tiver dinheiro eu compro se eu não tiver eu compro também, às vezes eu posso vir aqui cedo ou tarde ele chega me dá mais do que eu comprei entende?” (Cliente/ C1F). Inclusive, tal fala conecta-se com outra característica, a simpatia.

No aspecto simpatia constatou-se que ela é estabelecida a partir das experiências daquilo que é julgado pelo nosso entendimento. A simpatia no contexto da feira, entre outros aspectos, está presente nas relações interpessoais e subjetivas dos interlocutores, indicando os saberes e conhecimentos que os entrevistados trazem ao longo da vida. O que se percebe é um processo de aproximação muito forte tanto por parte dos feirantes como por parte dos clientes, e que é partilhado em toda dinâmica da venda. Aliás, a simpatia contribui para uma relação de proximidade reforçando os laços sociais e comerciais na feira.

Na intenção de explicar os aspectos morais extraídos do discurso, como a questão de confiança que aparece tanto nos feirantes como nos clientes, envolve-se a cultura. Busca-se novamente no autor Da Matta (1986) quando define o conceito de cultura segundo a antropologia e a sociologia. Ele afirma que a cultura não é referente que marca uma hierarquia de ‘civilização’, mas a maneira de viver de um grupo, sociedade, país ou pessoa, ou seja, cultura é um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classifi-

cam, estudam, e modificam o mundo e a si. Assim, a cultura é usada para classificar pessoas ou grupos sociais e deve ser utilizada no sentido mais amplo, com base nas ideais, valores, crenças, costumes e outras atribuições que formam e caracterizam o indivíduo. Dessa forma a cultura torna-se extremamente importante no processo de formação de uma sociedade ou nação.

Segundo Da Matta (1986) através da cultura podemos desenvolver relações entre nós mesmos, pois ela fornece normas que dizem respeito aos comportamentos dos indivíduos diante de certas situações. Assim, “a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos”. (DA MATTA, 1986, p.127).

Além disso, observou-se que os feirantes e clientes compartilham de alguma interação no momento da compra que vai além da relação feirante/cliente. Os feirantes utilizam uma “boa” conversa com clientes e até fazem brincadeiras no momento da compra, existe troca de reciprocidade entre ambas as partes.

De acordo com as observações e os relatos e pensando nas abordagens da autora Viviane Vedana (2010, 2013) sobre a construção dos laços sociais mediante o conjunto de saberes e experiências que as pessoas constroem no dia a dia do trabalho, podemos dizer que essas práticas estão ligadas também a maneira com que os feirantes tratam seus fregueses. Nas análises que foram obtidas a partir da pesquisa, é possível constatar que há interação entre feirantes e clientes na feira, e que a construção de laços sociais se dá a partir dessas interações. A assiduidade dos clientes frequentadores da feira é o que constitui os laços sociais e principalmente fortalece o amadurecimento das relações de confiança, não apenas nos produtos, mas através dos produtores, por estarem semanalmente comercializando o que produzem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se necessário expandir o debate do espaço da feira, da agricultura familiar, de processos de produção sustentável. Também é preciso incentivar o contexto da feira compartilhando as produções acadêmicas em espaços que ultrapasse os muros da universidade.

De acordo com De David, a questão da produção sustentável remete a sua origem:

na emergência de uma nova sociabilidade e de uma nova racionalidade que os grupos sociais rurais experimentam, marcada pelo sentimento de solidariedade, pela organização comunitária, pelas práticas coletivas e pela partilha da luta como forma de superação dos problemas e desafios que enfrentam. Contraditoriamente ao desenvolvimento rural hegemônico no campo brasileiro,

cuja expressão maior é o agronegócio, esses grupos sociais elaboram uma estratégia de desenvolvimento que visa objetivamente a superação das desigualdades sociais, seja por meio de experiências associativas e cooperativas, seja por meio das práticas agroecológicas. Assim, transformam-se em territórios rurais contra-hegemônicos, onde a produção sustentável de alimentos é realizada para garantir a soberania alimentar dos camponeses e para a comercialização em circuitos simples da economia. Também se baseia no fortalecimento da organização popular e em relações de equilíbrio e respeito ao meio ambiente. (2017, p. 84).

A Feira Agroecológica EcoVárzea, tem múltiplas funções: sociocultural, econômica, psicológica, filosófica, política, de bem-estar, ética, e pode ser desenhada por diversas definições retidas dos aportes teóricos e conceituais. Com relação aos produtos, a harmonia entre homem e natureza (RODRIGUES; SILVA, 2011), com o sistema de produção, pode ser entendido como um processo e objeto de exploração, mas também de preservação da natureza (SANTOS, 2008), na medida em que, a agroecologia, um processo produtivo, cria valorização nas relações pessoais e coletivas, na busca por sustentabilidade (CAPORAL; AZEVEDO, 2018). Do mesmo modo, temos a importância da produção orgânica, que promove uma maior qualidade de vida, por alimentos saudáveis, que exclui insumos químicos, agrotóxicos e fertilizantes (SANTOS; MONTEIRO, 2004), protegidos pela Lei 10.831/2003, garantindo o respeito a integridade cultural das comunidades rurais e a otimização de recursos naturais e socioeconômicos.

Contudo, em tom de reflexão, não cessa aqui a pesquisa. A “sacada” só pode advir depois de um “certo” tempo. Sim. O trabalho de campo antropológico, é um trabalho rico, que a gente leva para a vida. A “sacada” advém do tempo em campo, pois só o tempo é capaz de provocar um duplo processo no pesquisador: por um lado, conseguir relativizar sua sociedade e, por outro, conseguir perceber a coerência da cultura do Outro. O tempo possibilita que o antropólogo torne exótico (distante, estranho) o que é familiar e familiar (conhecido, próximo) o que é exótico (DA MATTA, 1981, p. 144)

No entanto, como tudo é datado, o objetivo da pesquisa foi alcançado, pois ficou estabelecido a interação harmoniosa, de troca de valores para além do econômico conforme apresentado acima. A Feira Agroecológica Ecovárzea legitima laços sociais entre feirantes e clientes. Seria necessário explorar mais a fundo o mapeamento dos perfis, no entanto isso resultaria numa nova pesquisa, por análise mais minuciosa e com um tempo mais alargado.

Neste sentido, para momento, o que foi a busca por compreender o processo interativo através da feira, foi cristalizado e respondido, há uma profunda interação compartilhada entre feirantes e clientes.

Que esta pesquisa contribua para novos estudos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jalcione. Agroecologia: paradigma para tempos futuros ou resistência para o tempo presente? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Paraná, v. 6, n. 1, p. 29-40, jul./dez. 2002.

AMARANTE, J. C. A.; MOREIRA, I. T.; AMARANTE, P. A. Efeitos das políticas agrárias na Paraíba: existe viabilidade econômica?. **Revista de Política Agrícola**, [S. I.], v. 28, n. 1, p. 55-72, jan./fev./mar. 2019. Trimestral. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/1352>. Acesso em: 14 nov. 2022.

AQUINO, A. M. de; ASSIS, R. L. de. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 137-150, jun. 2007.

ARAÚJO, G. de A. F. **O Global e o Local nas feiras contemporâneas: um estudo dos impactos gerados pela Globalização em Feiras de Portugal e do Brasil**. 1. ed. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2014. v. 300. 460 p.

ARAÚJO, M. A. A moderna construção sustentável. **Techoje: uma revista de opinião**, [S. I.], 2018.

ARAÚJO, T. B. O elogio da diversidade regional brasileira. In: BENJAMIM, C., ELIAS, L. A., (orgs.). **Brasil: crise e destino: entrevistas com pensadores contemporâneos**. 1. ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 1998. p 161-181.

ASSIS, R. L. de.; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Paraná, v. 6, n. 1, p. 67-80, 17 dez. 2002.

AZEVEDO, E. O. de. Desafios e perspectivas da Agroecologia. In: CAPORAL, F. R., AZEVEDO, E. O. de. **Princípios e Perspectivas da Agroecologia**. Paraná: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, 2011. 192 p.

BALSAN, R. Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 123–151, ago. 2006.

BRASIL. Decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017. Dispõe sobre a Unidade Familiar de Produção Agrária, institui o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar e regulamenta a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e empreendimentos familiares rurais. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2017/decreto-9064-31-maio-2017-785001-publicacaooriginal-152929-pe.html>. Acesso em: 10 nov. 2022

BRASIL. **Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 8, 23 dez. 2003.

BRASIL. Lei nº 12.107, de 25 de outubro de 2021. Dispõe sobre a Instituição da Política Estadual de apoio à agricultura familiar, e dá outras providências. Disponível em:

<https://leisestaduais.com.br/pb/lei-ordinaria-n-12107-2021-paraiba->. Acesso em: 16 out. 2022.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.831.htm. Acesso em: 08 nov. 2022.

BOECHAT, P. T. V.; DOS SANTOS, J. L. **Feira livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias**. Universidade Estadual da Bahia, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7418705-Feira-livre-dinamicas-espaciais-e-relacoes-identitarias.html>. Acesso em: 16 de out. 2022.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CAPORAL, F. R., AZEVEDO, E. O. de. **Princípios e Perspectivas da Agroecologia**. Paraná: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, 2011. p. 167-181.

CARNEIRO, M. J. Pluriatividade da agricultura no Brasil: uma reflexão crítica. In: SCHNEIDER, S. (org). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. p. 197-187.

CARNEIRO, V. G. (org.); FARIA, M. S. (org.). **Economia Solidária e Sociedade**. 1. ed. João Pessoa: Editora do CCTA/UFPB, 2015. v. 1. 151 p.

CARRIERI, A. P.; SOUZA, M. M. P.; ALMEIDA, G. O. Feirante ou barraqueiro? Identidades e estratégias na Feira do Jubileu. **Revista Economia & Gestão**, v. 8, n. 17, p. 70-87, 2008.

CASTRO, M. R. N. Aportes teóricos para pensar a feira enquanto forma social. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 169-183. 2017.

CUNHA, P. H. **Plano de desenvolvimento do Assentamento Rainha dos Anjos**. 2000. 94f. (Relatório de Estágio), Curso de Bacharelado em Engenharia Civil, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal da Paraíba – Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2000.

DABUL, L. Artes Plásticas em Feira de Artesanato: venda, criação e os olhos para ver a arte. **Sociologia&Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 163-183. 2014.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987. 246 p.

DE DAVID, C. **Antropologia das populações rurais**. 1 ed. Santa Maria: UFSM, NTE, UAB, 2017. p. 94. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/05/Antropologia-das-popula%C3%A7%C3%B5es-rurais.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FLEISCHER, S. R. Uma antropóloga em um campus universitário da saúde. **Revista Tempus: Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 235-253, 2011. Disponível em:

<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/978/918>. Acesso em: 16 out. 2022.

GALDINO, A. **Estrutura organizacional atual do Assentamento Boa Vista, Sapé-PB**. 2018. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

GARCIA JUNIOR, A. R. **O Sul: Caminho do Roçado - Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social**. Brasília: 1. ed. Editora UnB. 1989. 285 p.

GROPP, B. M. C. **Uma abordagem etnográfica em comunidades de prática**. 2005. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

GODOI, E. P. **O Trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí**. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp. 1999. 168 p.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. dos. A Importância Das Feiras Livres Ecológicas: Um Espaço De Trocas E Saberes Da Economia Local. **Rev. Bras. Agroecologia**, [S. I.], v. 2, n. 1, p. 364-368, fev. 2007.

LIMA, A. B. de; RODRIGUES, F. Reforma Agrária e Políticas Públicas de Combate À Pobreza Rural: Uma análise a partir de assentamentos rurais na Paraíba. In: RODRIGUES, M. de F. F. (org.). **Do Campus Ao Campo - Olhares Sobre Políticas Públicas Dirigidas A Pobreza Rural O Estado Da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2011, p. 139-164.

MARINHO, H. E. V; ARAUJO FILHO, J. A. de. Produção orgânica de carne de ovinos e caprinos. In: Simpósio Internacional Sobre Caprinos e Ovinos de Corte, 2.; Simpósio Internacional Sobre Agronegócio da Caprinocultura Leiteira, 1. 2003, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: EMEPA-PB, 2003. p. 233-242.

MEDAETS, J. P.; FONSECA, M. F. de A. C. **Produção orgânica: regulamentação nacional e internacional**. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – Nead, 2005. 104 p.

MENDRAS, H. A cidade e o campo. In: QUEIROZ, Maria I. P. de. (org.). **Sociologia Rural**. RJ: Jorge Zahar, 1969. p.33-61.

ONU - BRASIL. **ONU (Organização das Nações Unidas)**, 2022. Página inicial. Disponível em: < <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> Acesso em: 20 fev. de 2022.

RAPACCI, M. M. de Q. **Impactos Da Revolução Verde No Espaço Geográfico Mundial**. 2018. 24 f. TCC (Curso Técnico) - Curso de Técnico em Biotecnologia Integrado Ao Ensino Médio, Instituto Federal do Paraná, Londrina, 2018.

RIBEIRO, E. M. *et. al.* **A feira e o trabalho rural no Alto Jequitinhonha: um estudo de caso em Turmalina**. Minas Gerais: Unimontes Científica, Montes Claros, v. 5, n. 1, 2003.

RODRIGUES, M. F. F. (org.) **Da Terra que Assegura a Vida aos Alimentos sem Agrotóxicos**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2017. 293 p.

RODRIGUES, M. F. F.; SILVA, C. S. V. Ação e execução de políticas públicas no campo: um olhar a partir da extensão universitária. In: RODRIGUES, M. F. F. (org.). **Do Campus Ao Campo - Olhares Sobre Políticas Públicas Dirigidas A Pobreza Rural O Estado Da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2011. 264 p.

SAHAR, C. L. L.; SILVA, C. A.; GERMANI, G. I. Pluralidade e multidimensionalidade do sujeito e de suas espacialidades: desafios epistemológicos na análise geográfica. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 12, n. 18, p. 117–136, 2017.

SAHLINS, M. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte ii). **Mana: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 103-150, out. 1997.

SANTOS, G. C. dos; MONTEIRO, M. Sistema Orgânico de Produção de Alimentos. **Alimentos e Nutrição Araraquara**. Araraquara, v. 15, n. 1, p.73-86, 2004. Disponível em: <https://ciorganico.agr.br/wp-content/uploads/2013/09/59-271-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC EDITORA, 1978.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 54, p. 81_100, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/1092>. Acesso em: 16 out. 2022.

SANTOS, M. M. **Feiras Agroecológicas em Uberlândia - MG: Desafios e Perspectivas**. 2018. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SILVA, A. de O. **Agroecologia e resistência: o significado das práticas agroecológicas no assentamento Padre Gino**. 2019. 131 f. Dissertação - Mestrado em Serviço Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SILVA, N. B. da. **Educação Popular e Subjetividade: vivências em feira agroecológica de bases na economia solidária popular**. 33. ed. João Pessoa: Editora do Ccta, 2016. 155 p. Coleção NUPLAR.

SOUZA, R. S. S.; ANDRADE, T. M. Políticas Públicas e Agricultura Familiar: uma análise da feira agroecológica Ecovárzea. In: GONÇALVES, A. F.; ANDRADE, M. O. de; ROMERO, O. H. (org.). **Do Desenvolvimento à Sustentabilidade: políticas socioambientais e experiências comunitárias**. 1 ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2019, p. 65-84.

TORRESI, S. I. C. de; PARDINI, V. L.; FERREIRA, V. F. O que é sustentabilidade? **Química Nova**, [S.L.], v. 33, n. 1, p. 1-1, 2010.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 39, p. 41-68, jun. 2013.

VEDANA, V. Mercados de Rua e Feiras-livres como patrimônio etnológico: um ensaio sobre as trocas sociais de mercado como parte da memória coletiva da cidade moderno-contemporânea. In: FRANÇA, M. C. C. de C.; LOPES, C. G.; BERND, Z. (Org.). **Patrimônios Memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 2010, v. 39, p. 91-111.

VELOZO, Mônica Beatriz Campos. **Análise da estrutura, conduta, desempenho da cadeia produtiva dos produtos orgânicos e agroecológicos no município de Dourados - MS**. 2017. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2017.

VIEIRA, Camila Benjamim. **O fazer a feira**: a feira noturna da agricultura familiar de Araraquara-SP como espaço de reprodução social e econômica. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Programa de Pós em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, Araraquara, 2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 60-85, abr. 2009.